

Observatório de ideias



MÁRIO SOARES

1 Na passada semana, assisti ao lançamento do livro *Dicionário das Crises e das Alternativas*, no auditório da Livraria Bertrand, junto ao Sheraton (em Lisboa), organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, dirigido pelo professor Boaventura Sousa Santos, com a participação ativa de um membro da Organização Mundial do Trabalho, Raymond Turey, da professora Mafalda Troncho, que presidiu à sessão, e de Manuel Carvalho da Silva, que, numa extensa intervenção, apresentou o Observatório sobre Crises e Alternativas.

Tratou-se, evidentemente, de um texto, muito bem elaborado, sobre as crises e as alternativas possíveis para as vencer. Note-se que não se ocupou somente da crise financeira, que tanto nos afeta, como a vários países da União Europeia – sem excluir os grandes Estados: Espanha, Itália, França e Reino Unido –, mas das outras crises que nos ameaçam, como: a económica, a política, a social, a ambiental e a de civilização.

Boaventura de Sousa Santos, que Manuel Carvalho da Silva cita, num livro que o professor publicou, *Portugal – Ensaio contra a Autoflagelação*, um vício que ataca muitos portugueses, especialmente em tempo de crise, e que é preciso vencer. Como? Não acreditando na austeridade cega – nos cortes que atingem sobretudo os mais desfavorecidos – e que têm deixado impunes os mercados usurários e os mais poderosos, aceitando que cresça a recessão e, avassaladoramente, o desemprego.

Cito o texto de Carvalho da Silva: “As injustiças, o sofrimento e a pobreza resultantes das alterações ao regime do subsídio de doença, a não existência de subsídio de desemprego, para a maioria dos desempregados, num contexto em que corremos o risco de atingir uma taxa de desemprego de 20%, a prazo não muito longo, os cortes no Rendimento Social de Inserção, a diminuição da protecção na maternidade e na paternidade ou nas condições de adopção, não têm importância. Para a *troika* e para o Governo, tudo isto

são ‘riscos’ ou ‘sacrifícios’ necessários; o programa é perfeito e está a ser executado de forma exemplar, mesmo que se recorra a um **austeritarismo** nacional de empobrecimento.”

Note-se que a *troika* está ela própria a desentender-se. O Fundo Monetário Internacional (FMI) tem vindo a criticar, pela voz da sua presidente, Christine Lagarde, que a austeridade, por si só, conduz ao caos, visto que a recessão e o desemprego aumentam, sem remédio. É preciso investimento e acabar com os cortes cegos que põem em causa a vida das pessoas, as instituições sociais e descredita as democracias. Isto é: está em jogo o futuro do projeto europeu e da própria Europa.

George Soros, o financista benemérito que organizou um fórum em meados de abril, em Berlim, disse que “o Bundesbank está a matar o euro” (*sic*). Vários economistas alemães como Heiner Flassbeck, a secretária-geral da OCDE, Angel Gurría e os Nobel da economia, Joseph Stiglitz e Paul Krugman, dizem – cito – “que os líderes europeus estão a caminho de provocar o suicídio económico do conjunto do Continente” (*vide The New York Times* de 15 de abril). Contudo, os líderes europeus e o nosso Governo, constituído por ministros quase todos de ideologia neoliberal, não fazem caso –

nem se querem aperceber – do que estão a fazer, e eu penso particularmente no nosso país. Parece-lhes – aos dirigentes europeus – tudo excelente. No entanto, estão a destruir o Estado, sem pôr em causa – como prometeram – o seu despesismo, a reduzir as pensões, a vender, privatizando, de qualquer modo, de que sabemos pouco, as melhores empresas portuguesas e as chamadas “joias da coroa”, a pôr em causa as nossas reservas de ouro, a destruir as conquistas sociais e o bem-estar das populações, a condenar à emigração as nossas jovens elites – as melhores e mais apreciadas no estrangeiro, que já tivemos –, a cortar os apoios às nossas excelentes universidades, a ignorar a cultura, retirando-lhe apoios, bem como à própria educação pública. Tudo isso para quê? Para nada!

Porque com a austeridade cega, cada ano, como se está a ver, vamos de mal a pior. A criminalidade vai crescer, bem como o justo descontentamento dos mais prejudicados.

Cito o fim do texto apresentado



“Note-se que a ‘troika’ está ela própria a desentender-se”

por Manuel Carvalho da Silva: “É preciso romper o bloqueio. Precisamos de sérias reformas – digo eu: não de contra-reformas, como tem sucedido –, que no contexto actual podem significar importantes rupturas. Talvez mesmo perigosas. Precisamos de grandes rupturas, que começam exatamente nos bocos sem saída que estão a ser criados e na quebra dos muros!” E ainda: “As alternativas são possíveis (...). Nada é mais letal do que a resignação (...). É preciso combater este capitalismo perigosamente indutor do retrocesso social e civilizacional.”

“
A austeridade
conduzir-nos-á
ao caos”

O Centro de Estudos Sociais teve um bom começo e uma sala repleta de gente, consciente da difícil situação que vivemos, mas, apesar disso, cheia de entusiasmo e de confiança no futuro. Valha-nos isso.

AUSTERIDADE OU CRESCIMENTO?

2 A Europa interroga-se. Era inevitável. O sistema político-social está a mudar, quanto ao futuro próximo. Entre austeridade e os cortes inaceitáveis e extremamente dolorosos para as populações, sobretudo as mais desfavorecidas, que são, por todo o lado, as grandes vítimas – e em que a classe média, pela primeira vez, está também a sofrer enormemente –, a necessidade do crescimento económico e da luta contra o flagelo do desemprego crescente começa a tornar-se evidente. Os europeus advertidos (não falo dos dirigentes) parecem finalmente não hesitar. A austeridade conduz-nos-á ao caos.

O doutor Draghi, presidente do Banco Central Europeu, foi talvez o primeiro a perceber a necessi-

dade de fazer injetar dinheiro no circuito económico. E por duas vezes desviou um bilião de dólares para dar oxigénio às instituições financeiras europeias em grandes dificuldades. Mas, reconheça-se, foi sol de pouca dura. A Espanha e a Itália tornaram-se, de repente, os Estados europeus em maiores dificuldades. E – imagine-se – os economistas europeus e americanos, por mais ortodoxos que sejam, já o reconhecem: o pior está para vir. Pensemos no que se vai passar na França, independentemente dos resultados das eleições presidenciais. E agora – pasme-se – na Holanda!

Na verdade, as coisas são o que são. A pobreza, que está a atingir o nível da miséria em países com economias fortes, como a Itália e a Espanha – e, para mais, Estados católicos –, está a dar lugar, muito significativamente, a pessoas que se suicidam, dada a situação trágica em que se encontram, falidas e sem dinheiro para comer e dar de comer aos filhos. Nos últimos três meses, 146 000 empresas fecharam as suas portas em Itália. 91% dos italianos chegam ao fim do mês sem dinheiro. O primeiro-ministro Monti falou do custo das vidas perante a crise. Mas a Espanha não está melhor e não deixará de gritar o mesmo.

Que fazer? Para além das pessoas que se suicidam na Itália em cada dia, um pequeno empresário e um trabalhador – em Portugal começa a surgir o mesmo fenómeno –, há também a crescente criminalidade, que começa a ser outra manifestação de desespero. É que quando os dirigentes desprezam as pessoas – e só querem saber dos cortes e do dinheiro –, pedindo sacrifícios sem compreender as tragédias que daí resultam, avolumando as desigualdades, só há um caminho, honestamente: a revolta. Atenção, pois, ao que se está a fabri-

car, inconscientemente. O desespero é mau conselheiro...

As pessoas estão a aprender, à custa própria, que a austeridade, por si só, nos leva a cada vez maiores dificuldades. Que é preciso mudar de sistema, para salvar o euro e a União Europeia. Como disseram Jacques Delors e Helmut Schmidt, o antigo chanceler alemão, de 93 anos, ou o projeto europeu se desarticula – bem como o euro – e os Estados europeus entram em decadência, todos; ou terá de haver, *in extremis*, uma mudança de paradigma e de sistema de desenvolvimento.

A ESQUERDA EUROPEIA VAI MUDAR

3 Parece-me óbvio, ao cabo de tantas derrotas. Não a Esquerda radical, comunista, maoista ou trotskista, que, por definição, não muda nunca nem aprende nada. Mas a Esquerda socialista, social-democrata, trabalhista, verde ou simplesmente democrática, como na Itália. É uma família político-ideológica, que no passado foi infelizmente blairista e partidária da “terceira via”, de má memória. Foi esse desvio, para o Centro, economicista, ou mesmo para a Direita, que fez a Esquerda – dita moderada – perder as suas posições nos governos, em quase todos os Estados europeus e o voto de muitos trabalhadores e do chamado Povo de Esquerda.

Estamos a entrar numa nova fase. A ideologia neoliberal deu o que tinha a dar, criou sociedades sem valores éticos, em que só conta o dinheiro, e as pessoas, sobretudo as mais pobres, são ignoradas e atiradas para o desemprego. É urgente mudar de paradigma, abandonar o capitalismo de casino, tipo virtual, e apostar num capitalismo, regulamentado pelos valores éticos e em defesa das grandes causas: a paz, a solidariedade, o aprofundamento democrático, regular a globalização, inspirar-se em valores éticos, na dignidade do trabalho e nas conquistas sociais, que deram às populações europeias um bem-estar até então nunca conhecido.

É neste contexto que os partidos Socialistas, Social-Democratas, Trabalhistas, Verdes ou tão-só Democratas devem refundar-se e preparar o seu futuro, atraindo as mulheres e os homens de Esquerda, mantendo formas atualizadas de concertação social e dialogando sempre com os sindicatos, as organizações cooperativas, mutualistas e a inteligência e a cultura de Esquerda. Só assim podemos sair da crise, refundando a Esquerda e os seus valores.